

Das casas de madeira ao quadriplex

Livros do MEC chegam a alunos de 1º grau de várias classes sociais. O programa de distribuição custou R\$ 206 milhões

Warner Bento Filho e Wanderley Pozzembon (fotos)

Enviados especiais

Jéferson Nascimento Lamera tem 8 anos e cursa a 2ª série do 1º grau. Estuda na escola Maria Pia Amaral, na localidade de Apeú, a 80 km de Belém (PA).

Na casa de madeira em ele vive com os pais e dois irmãos, há um móvel de madeira com três gavetas, onde cada um dos filhos guarda todas as roupas que têm.

Para guardar os livros que Jéferson vai usar na escola este ano — parte dos 84 milhões de exemplares distribuídos pelo MEC em todo o país — sobrou a parte de cima do móvel.

O pai de Jéferson é pedreiro. Foi ele quem construiu a casa — de “tauba”, como diz o estudante — com dois quartos, sala, cozinha e banheiro.

Alexandre Bado, de 13 anos, mora num quadriplex em Porto Alegre (RS). No térreo vive a avó, no segundo andar, o tio, o terceiro para a família de Alexandre (com os pais e duas irmãs) e um quarto pavimento para a “bagunça”. Lá, Alexandre e as irmãs Fernanda, de 18 anos, e Daniela, de 22, têm espaço para ler, pintar, escutar música e jogar no computador, um Pentium 133 com kit multi-mídia, impressora, monitor NE e mouse com três botões.

Alexandre faz a 8ª série no Instituto de Educação General Flores da Cunha, no Bom Fim, bairro próximo ao centro da cidade.

SEMELHANÇAS

O que Alexandre tem em comum com Jéferson é que os dois receberam os livros distribuídos pelo MEC. As semelhanças terminariam por aí

não fosse o fato de que os livros entregues tanto no Pará quanto no Rio Grande do Sul são produzidos num único lugar — estados do centro do país: São Paulo e Rio de Janeiro.

É verdade que os dois podem também comemorar o fato de terem recebido os livros já no começo do ano letivo. Nada de extraordinário, claro, mas não custa lembrar que até dois anos atrás eles só chegavam na escola na metade do ano, quando chegavam.

Para o período letivo de 1997, as primeiras remessas do material didático começaram a chegar nas escolas do norte do país ainda em dezembro de 1996.

Na semana passada, quando iniciaram as aulas, praticamente tudo já havia sido entregue. A operação Livro na Escola custou ao MEC R\$ 206 milhões.

“Não sei porque o livro chegava sempre atrasado, mas posso dizer que é muito fácil fazer com que ele chegue em dia”, diz o secretário executivo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão do MEC responsável pela operação. No Pará, foram entregues 4,2 milhões de livros. No Rio Grande do Sul, 5,2 milhões.

TEORIA

Espera-se que cada livro tenha vida útil de três anos, podendo ser usado ainda em 1998 e 1999. Mas isso nem sempre — ou quase nunca — acontece.

Na teoria, o estudante deveria receber o livro no começo do ano, cuidar muito bem dele e devolvê-lo quando terminassem as aulas. Nos dois anos seguintes, o livro cumpriria o mesmo destino, sendo então posto fora de circulação.

É por causa dessa teoria que —



Planos da família de Ociléia Teixeira: a parte de cima de um pequeno móvel de madeira será o lugar onde os meninos guardarão seus livros didáticos

exceto para a 1ª série — o MEC não distribui todos os anos livros para todas as disciplinas. Agora, por exemplo, foram entregues livros de Ciências e Estudos Sociais (de 2ª a 4ª séries) e de História e Geografia (de 5ª a 8ª). Este material não será entregue no ano que vem, já que a teoria diz que o livro distribuído

agora ainda estará apto para o uso.

Mas na prática não é bem assim. “Muitos dos nossos alunos não têm nem cama para dormir. Imagina se vão ter onde guardar os livros”, diz o diretor da escola de Jéferson, Benedito Santiago, de 31 anos.

“Não concordo muito com o reaproveitamento do livro. Acho

que deveríamos receber livros novos todos os anos. Livro nunca é demais”, propõe Santiago, que, além de dirigir a escola, participa de um grupo ecológico, o Aperanga - sigla que mistura os nomes dos dois rios que banham a cidade, o Apeú e o Capianga.

Por influência da militância eco-

lógica, o tema pedagógico desenvolvido pela escola em 1995, quando Benedito assumiu a direção, foi O Homem e a Natureza. “Ano passado, a escola trabalhou sobre a história do rio Apeú”, conta Benedito, exibindo no pescoço um colar feito com dentes de macaco. “Foi uma índio que me deu”, conta.